

CONJUNTO UNIVERSITÁRIO CANDIDO MENDES  
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS - CEAA

LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

Prof. João Carneiro

Textos de Apoio X

LUANDINO VIEIRA

CEAA  
1977

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

1911

### Luandino Vieira

José Luandino Vieira é desde 1964, com as três estórias de Luanda, uma figura literária de primeira grandeza. Dez anos depois No Antigamente na Vida (de novo três estórias, de novo Luanda dos musseques em fundo) vai muito além das propostas iniciais do autor e instala de vez a modernidade na narrativa angolana. Modernidade que, no caso de Luandino, está inteiramente assumida pela contestação do sedição e do postigo, pela experimentação consequente, pela ousadia na inovação. Luandino experimenta e inova como no Brasil fez um João Guimarães Rosa. Não se limita a fixar as expressões verbais do povo de Luanda e a dar-lhes circulação literária: quando necessário subverte a língua, emboscando-a com neologismos ou insubordinando a própria sintaxe. Ao mesmo tempo a estrutura das estórias já não tem a linearidade do primeiro livro, mas uma complexidade que em 1964 seria insuspeitada. O propósito do autor é agora também outro - recriar o mundo mágico e mítico da infância. Quantas literaturas neo-africanas poderão reivindicar hoje um criador da estirpe de Luandino? Poucas, decerto. A contrapartida irónica está em que o escritor produz a sua obra de maturidade longe de Angola, socorrendo-se tão só do magma da infância. A força que não é precisa! =Fernando Assis Pacheco, contracapa de No Antigamente na Vida, Lisboa, Edições 70, 1974=

=====

O jovem escritor Luandino Vieira (de seu nome completo José Vieira Mateus da Graça) é já suficientemente conhecido dos democratas portugueses. Todos estamos recordados de que, à volta do seu nome e da atribuição de um prémio pela Sociedade Portuguesa de Escritores, o fascismo desencadeou em 1965 uma violenta campanha demagógica e repressiva que levaria ao encerramento daquela associação. Mas, o que talvez nem todos saibam, é que Luandino Vieira se encontra encerrado no Campo de Concentração do Tarrafal (Campo da Morte Lenta), condenado a prisão perpétua (14 anos e medidas de segurança) por defender a justa causa da liberdade do povo angolano. Não fora o inegável valor da sua obra literária, plenamente comprovado com a atribuição de vários prémios - 1º prémio da Sociedade Cultural de Angola, 1961; 1º prémio José Dias da Casa dos Estudantes do Império (CEI), 1962; 1º e 2º prémio de conto da Associação dos Naturais de Angola, 1963; 1º prémio Mota Veiga e, finalmente, o grande prémio da Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores - e este facto, só por si, justificaria a publicação de Vidas Novas. Mas, às razões apontadas, acresce a circunstância de a colectânea Vidas Novas, ainda inédita em Portugal, poder contribuir para um melhor conhecimento da opressão colonial, da vida do povo angolano e da justiça da sua luta. E, estamos convictos disso, para um movimento dos democratas portugueses em prol da amnistia a Luandino Vieira e a todos os presos políticos coloniais.

=Texto de introdução a Vidas Novas, Edições Anti-Colonial, Paris, 1964=

=====

Desvaneceu-me o teu convite, meu caro Luandino Vieira! Não se convidam indivíduos como eu para apresentar alguém, muito menos um livro. Foi decerto a amizade que te ditou a atitude e ela mesma me impõe o dever de aceder. E mais forte se



torna essa imposição porquanto o teu livro é uma mensagem de Amor e Fraternidade traz palavras que faziam de todos os portos do mundo, portos de todo o mundo! De A Cidade e a Infância dirão os críticos o que melhor não sei dizer, poderão acusar-te de pouca segurança por vezes, falta de maturidade talvez, de vires um pouco atrasado...mas a estreia será(estou certo)auspiciosa!Não foi a Don'Ana que me contou,não senhor,Esta história eu vi mesmo...Por isso são tão quentes as tuas palavras.São horas que viveste,palavras que vêm do mais profundo de ti sem que as tenha ditado o sonho.Oferece-nos o testemunho de uma época não muito distante no tempo,mas grandemente afastada na sucessão das imagens da nossa cidade.Os acontecimentos são mais velozes que o tempo.Não pára o filme da vida.Assim,não são flagrantes já,esses painéis que expões.Os teus contos são do tempo de batiques deffonte da loja do Silva Camato,de quando não havia fronteira de asfalto.A tua primeira homenagem a um poeta...que não nunca chegou a florir.Novas imposições quebraram o ritmo e a multiplicidade dos grandes desafios de então.Eram outras as canções de roda em noites de luar no morro,como escreveu o Poeta,outro as brincadeiras do antigamente.Havia mãos pretas e mãos brancas segurando os ramos das mesmas gajadeiras,pés iguais,pisando o mesmo chão das ingombotas.As casas de pau-a-pique e zinco foram substituídas por prédios de ferro e cimento,a areia vermelha coberta de asfalto negro e a rua deixou de ser a Rua do Lima.Ricardo e Marina estão agora mais distantes,e da casa do Zito à do João Maluco,do mulato Armindo ou do Calumango quantos abismos...depois de deixarem de ter sonho de papel de seda.Embora sejam amigos(Amigo de atresa nunca deixa de ser ~~um~~ Amigo)vivem realidades diferentes que os conduzem talvez ao mesmo fim,mas são tão opostas suas vidas,suas fomes,seus novos conhecidos,seus empregos,seus bairros, seus lares.Iguais por vezes os sonhos.Iguais decerto as recordações...Mas foi então que nasceram confianças e as mãos se apertaram e os poetas cantaram mais alto,Sambizanga,o mais cantado e outros musseques de Luanda.Quando Jurámos não mais falar da cor de todos os homens...Eis a tua mensagem de Amor que ninguém ~~de~~ destruirá porque não há força capaz.O teu livro,um pouco de todos nós e da terra imensa,é uma época que as crianças de agora não vivem e muitos não entendem,mas um dia virá,meu Caro,que fará dos portos do mundo,portos de todo o mundo.Um dia virá...

=Costa Andrade,prefácio a A Cidade e a Infância,Lisboa,Casa dos Estudantes do Império,1960=

=====

A publicação de Luanda(1964-em Luanda)foi condicionada pelo regulamento do Prémio Mota Veiga,ainda hoje o prémio de maior projecção literária em Angola. Uma edição impessoal a vários títulos:não pôde ser revista ou sequer orientada por Luandino Vieira.E foi nesse formato desejadamente humilde,-um livrinho de bolso com uma capa impressiva desenhada pelo autor-,que o Luanda foi surpreendido,meses depois,com nova distinção:o Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores.Eram três estórias escolhidas entre uma dezena de trabalhos(inéditos),todos eles irmanados no estilo e sobretudo num fundo de humor e carinho,um sorriso permanente de bondade calma qualquer que fosse a intensidade lírica,dramática ou pitoresca dos temas tratados.(...)A



linguagem do autor, identificada com a dos seus personagens, é ou não um processo literário adequado e legítimo em relação à matéria tratada, à realidade da ficção? No Luanda a linguagem é personagem: a forma é conteúdo, fusão dialéctica cravada na realidade.

=Texto de introdução a Luanda, Edições 70, 1972=

Quando a implantação colonial se consolida ao longo das costas de África, as cidades emergem e multiplicam-se. Os efeitos da dominação estrangeira sobre as formações sociais levam importantes sectores da população rural a ir para os meios urbanos. Mas é na periferia dessas aglomerações que se organiza a nova vida dos africanos destribalizados. Um outro espaço sociológico surge nos bairros da vida cruel. Esta afirma-se segundo uma linha dupla de demarcação racial e social, sobretudo nas colónias de povoamento, como é o caso de Angola. É assim que Luanda, cidade com as dimensões da nação angolense, aberta por todos os lados aos novos ventos do mundo, capital administrativa, foi progressivamente rodeada por uma cintura de miséria, os bairros crescendo em número e pobreza, simultaneamente com a colonização e a emigração branca. O povo deu a esses bairros o nome musseque que, originalmente, designava simplesmente a areia vermelha e barrenta do chão. Os tenentes da ordem colonial viam estabelecer-se nesses bairros miseráveis às portas da Luanda europeia, uma vida quase primitiva que exigia uma constante vigilância policial (Marcello Caetano, Os nativos na economia africana, Coimbra Editora, Coimbra, 1954). É num destes musseques, o musseque Braga, que Luandino Vieira passa a sua infância. A sua obra de ficção testemunha um conhecimento vivido do universo desse bairro periférico. (...) Resta-me situar brevemente o lugar eminente que Luandino Vieira ocupa na história da literatura angolense e particularmente no domínio da ficção em prosa (Ver sobre este assunto: Gerald M. Moser, Essays in Portuguese-African Literature, The Pennsylvania State University Studies, nº 26, 1969; Alfredo Margarido, La littérature angolaise: de la découverte au combat, artigo em "L'Afrique littéraire et artistique", nº 2, Dezembro de 1968; Mário de Andrade, Literatura Africana de Expressão Portuguesa, vol. 2, Prosa, Páginas Escolhidas, Argel, Março de 1968). A prosa surge em Angola sob o signo do jornalismo, no final do século XIX, sendo a primeira obra de ficção Genas d'África, romance de Pedro Félix Machado, escrito em 1880. A geração de 1896 consagra a sua veia literária aos escritos polémicos e protestários. A. de Assis Júnior, um dos seus últimos sobreviventes, publica O Segredo da Morta, romance que denuncia as relações sócio-económicas em vigor na região do Dondo. Após este período agitado, Angola vive nas primeiras décadas do nosso século uma fase de transição. É uma situação favorecida pelo tempo forte da ofensiva militar e da ocupação administrativa. Oscar Ribas testemunha o desenraizamento que marca os intelectuais do seu tempo. A leitura sociológica dos seus romances (Uanga, entre outros), que convém classificar na categoria da ficção fleclorizante, revela personagens vítimas do assimilacionismo cultural, seres colocados à margem de duas civilizações. É a obra de Castro Soromenho que renova a ficção, orientando-a na via do realismo social, desmontando o mecanismo da colonização portuguesa nas suas manifestações, no decurso dos anos 30, no nordeste de Angola. Segue-se o vento do período do pós-guerra no decurso do qual se desenvolve a inspiração do novo imaginário angolense, no quadro dos movimentos literários nascidos em 1948 pelo grito Vamos descobrir Angola. É o tempo dos poetas da recusa da assimilação, depositários das esperanças populares, os quais trilham também as sendas da prosa. E progressivamente surge um universo romanesco. Luandino Vieira pertence à corrente literária que se manifesta em 1957 em torno do jornal Cultura. Ele distingue-se muito rapidamente com seus primeiros contos pela captação do real quotidiano do meio popular da sua infância para, em seguida, desenhar os retratos dos militantes. Aparentado com os romancistas africanos virados para o realismo político, como Sembène Ousmane, o autor de A vida verdadeira de Do-

mingos Xavier traz sangue novo à ficção em prosa. Mas já outras vezes se elevam para dizer, em tom épico, a gesta da guerra popular iniciada em 4 de Fevereiro de 1961. Luandino Vieira é um militante deste heróico renascimento, ele que sofre no sinistro campo de concentração do Tarrafal uma pena de quatorze anos de prisão, pelo seu combate nas fileiras do movimento nacionalista angolense. -Mário de Andrade, 4 de Fevereiro de 1971, prefácio à edição francesa de A vida verdadeira de Domingos Xavier, Présence Africaine, Paris, 1971. =

=====